



Análise crítica do filme “Um homem, uma mulher”, de Claude Lelouch (1966)

“Um Homem, Uma mulher“, título brasileiro do filme dirigido em 1966 por Claude Lelouch, no qual, sabe-se lá por quê, vem suprimida a conjunção “e” presente no original francês [“Un homme et une femme“], constituiu grande sucesso, levando duma sentada só, além de 43 outros prêmios mundo afora, a Palma de Ouro de “melhor filme” e o Oscar de “melhor filme estrangeiro”. Na capital paulista, consta que ficou em exibição contínua por mais de um ano, no “Gazetinha”. Sobre o título do filme, assim se expressa o próprio Lelouch: “Um título que veio completamente só, sem mesmo eu ter tido necessidade de procurá-lo. É o título mais simples e mais banal do mundo, elementar como o amor [...]”.

"Um Homem e Uma Mulher" fala dum tipo de amor hoje meio fora de moda, se não como opção relacional, como escolha preferencial. Ao lado da história, da direção de Lelouch [também o cameraman do filme], das emblemáticas interpretações de Anouk Aimée e Jean-Louis Trintignant, cuja simbiose é especialmente marcante, destaque-se a música de Francis Lai para a película, cujo “chabadabada, chabadabada” terá embalado um bocado de romance... A propósito, o mesmo compositor estaria outra vez em destaque

pela canção lançada quatro anos mais tarde no comovente [e glicêmico] "Love Story", pouco antes, por sinal, de outro grande sucesso amoroso do cinema, "Verão de 42", cuja história de amor é narrada ao som duma bela melodia de Michel Legrand, outro compositor francês.

"Um Homem e Uma Mulher" brinda-nos ainda com versão integral do "Samba da Bênção", de Vinícius e Baden, uma das glórias maiores de nosso cancionário popular, interpretada pelo já cultor da MPB Pierre Barouh [o qual, como Pierre Gauthier, vive o marido de Anne Gauthier em "Um Homem e Uma Mulher"], que no final dos anos 60 registraria no Rio deliciosos takes com Pixinguinha, João da Baiana, Baden, Bethânia, Paulinho da Viola.



"Um Homem e Uma Mulher" é uma história de amor, pura e simplesmente, contada a partir de elementos culturais então bastante presentes no imaginário coletivo, e cuja composição, aí, foi unificada de modo particularmente feliz. Nos anos 60, a França gozava ainda do fascínio suscitado por uma proeminência cultural havia muito estabelecida por ela, que, porém, àquela hora, já estava migrando para o domínio anglo-norte-americano. Afora este pano de fundo, a paixão automobilística, muito em alta na época [recorde-se que o até hoje cultuado "Grand Prix", com 179 minutos de duração, foi rodado também em 1966], sintoniza com a [sempre em alta] paixão amorosa, o que leva batimentos cardíacos e rotação de motor a imiscuir-se um com outro e a compartilhar o mesmo tempo, o mesmo habitáculo. A propósito, tenha-se presente que Jean-Louis Trintignant, na pele de Jean-Louis Duroc [tendo no banco de trás do Mustang que dirigia, o próprio diretor e cameraman Lelouch] efetivamente percorreu ao menos parte do percurso da 35a. edição do rally de Monte Carlo em 1966, prova tradicional disputada já desde 1911.

Mas por que diabos seria algo difícil comentar “Um Homem e Uma Mulher”, tão simples ele é? [Sim: eu penso que seja mesmo algo meio difícil comentar este filme...] O há pouco citado “Love Story” vai do “antes do pior” para o “pior” [assim também “Verão de 42”], ao passo que “Um Homem e Uma Mulher”, do “pior” para o “depois do pior”, num e noutro o “pior” sendo a morte, cá e lá fora de hora: num caso, subitamente vinda, para Jean-Louis como para Anne; noutro, tragicamente anunciada, justo quando o amor devia dar lugar a uma nova vida [no caso, o filho desejado por Jennifer e Oliver].



“Um Homem e Uma Mulher” move-se no circuito da plausibilidade. Não há o que nele surpreenda, no registro fílmico ou no da vida ali exibida, propositadamente comum. No primeiro caso, nem mesmo a alternância entre imagens coloridas e em preto e branco são uma ousadia artística, pois o efeito decorre dum bem urdido estratagema de fundo econômico, dado o pequeno orçamento do filme... Tampouco há qualquer surpresa no segundo caso, o da vida real filmada, no qual somos nós próprios refletidos na tela, ainda que nunca tenhamos dirigido um carro de corrida ou nos apaixonado o bastante para percorrer 1000 km numa só noite entre Monte Carlo e Paris [mais outros 200 na manhã seguinte até Deauville...]. Lá está não necessariamente o que temos ou queremos, aquilo por que passamos, mas o que sempre podemos plausivelmente ter ou querer, aquilo pelo que sempre podemos plausivelmente passar. E a tal ponto, ali, sentimo-nos diante de nós mesmos e de nossa irrecorrível banalidade, tanto nos fundimos e embevecemo-nos com os personagens que somos, que não temos recuo para perspectivar a trama.

Doutra parte, em meio a tanto conflito então envolvendo a França [Guerra da Indochina [1946-1954], Guerra da Argélia [1954-1962], até mesmo o contencioso diplomático com o Brasil, apelidado de “guerra da lagosta” [1961-1963]], a única menção

do filme a uma campanha militar é pelo filme dentro do filme, a filmagem na qual o cascadeur [dublê] Pierre Gauthier perde a vida.

“Um Homem e Uma Mulher” nem de longe envereda pela contracultura, mas talvez reaja, a seu modo, à indústria da dizimação e da mutilação em série, e, com isto, talvez comungue, ele também, a palavra de ordem da época: “faça amor, não faça guerra [make love, not war]”. Não será de modo nenhum o amor-livre do movimento “hippie”, mas alguma coisa que claramente indique ser preferível amar a doer-se e morrer e matar. É como se Jean-Louis e Anne esperançosamente confessassem um ao outro: apaixonate quanto possas; não há dor mais bela. Viver é arriscar. Amar, também.

Os dois homens, Pierre e Jean-Louis, arriscam igualmente a vida. Mas ao passo que o primeiro o faz pelo faz-de-conta, o segundo o faz pelo realmente-real. Não obstante isto, é o primeiro quem realmente morre, como se não houvesse prestado suficiente atenção à advertência de Vinícius: “Cuidado, companheiro! / A vida é pra valer / E não se engane não, tem uma só / Duas mesmo que é bom / Ninguém vai me dizer que tem / Sem provar muito bem provado / Com certidão passada em cartório do céu / E assinado embaixo: Deus / E com firma reconhecida!”



Do outro lado, diante da angústia pela morte dele, a cada vez anunciada, nunca vinda, Valérie, mulher de Jean-Louis, dá cabo da própria, consumando em si o insuportável adiamento da morte do outro. A partir de então, tratar-se-á de retomar o amor

de onde ele partira. A morte do ser amado não cessa o amor, a ânsia, a compulsão de amar. Assim, o verdadeiro protagonista de "Um Homem e Uma Mulher" não será o amor de Jean-Louis Duroc e Anne Gauthier, tampouco o amor convencional entre um-homem-e-uma-mulher, mas o amor tout court, simplesmente, aí exemplificado em seu tipo convencionalmente mais comum.

Embora da mesma geração de alguns de seus mais caros representantes [Claude Chabrol, Jean-Luc Godard, François Truffaut], todos nascidos nos anos 1930, e, pois, compartilhando com eles época e contexto, Claude Lelouch não pertenceu à “Nouvelle vague”, movimento de renovação do cinema francês que se projetou mundialmente na década de 60, influenciando, por exemplo, o “Cinema Novo” nacional e a “Nova Hollywood” norte-americana.

Por fim, eu diria que “Um Homem e Uma Mulher” – guardadas as devidas proporções – será, entre outros, como “Casablanca”, sucesso desde 1942. O que neste são Rick e Ilsa tornam-se naquele Jean-Louis e Anne. Se em “Casablanca” a guerra [havia então três anos em curso] é a razão da dupla separação que Rick e Ilsa sofrem na trama, em “Um Homem e Uma Mulher” é a permanência póstuma de Pierre em Anne que impede a consecussão de sua história com Jean-Louis, o que será confirmado pela sequência filmada em 1986 por Lelouch, com a mesma Anouk Aimée e o mesmo Jean-Louis Trintignant, em "Um Homem e Uma Mulher: 20 Anos Depois" [agora com o "e" do original no título em português...]. Num caso como noutro, em “Casablanca” e em “Um Homem e Uma Mulher”, não é que o amor não vença, perca, desapareça; ele cede a vez, perde o passo. Cede a vez ao clamor da guerra, mas o leva com ela, não o abandona; perde o passo, mas pelo amor que já não é. Contudo, se, como diz o poetinha, “a vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida“, a esperança – que não é espera vã, mas convicção silente – aguarda. O reencontro de Anne e Jean-Louis, “vinte anos depois”, confirmará a beleza desta dor.

Ubirajara Rancan é professor de filosofia da UNESP - Marília